

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE

THE CHALLENGES OF LEARNING IN OLD AGE

LOS DESAFÍOS DEL APRENDIZAJE EN LA TERCERA EDAD

Fabricia Miranda Tarazona¹

Gisele do Rocio Cordeiro²

Janice Mendes³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios enfrentados por pessoas idosas no processo de aprendizagem, bem como identificar estratégias psicopedagógicas que favoreçam a inclusão e o desenvolvimento contínuo desse público. Diante do aumento da longevidade e da necessidade de promover o envelhecimento ativo, a aprendizagem na terceira idade torna-se uma ferramenta importante para a qualidade de vida, autonomia e bem-estar dos idosos. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com base em autores da psicopedagogia, da gerontologia e da educação inclusiva, além de documentos e dados oficiais sobre envelhecimento no Brasil. Foram analisados aspectos cognitivos, emocionais e sociais que influenciam o processo de aprendizagem na terceira idade, como as alterações na memória, o preconceito etário, o isolamento social e as limitações físicas. Os resultados indicaram que, embora existam obstáculos significativos, os idosos mantêm potencial de aprendizagem quando expostos a metodologias adequadas, que respeitem seus ritmos e valorizem sua experiência de vida. A atuação psicopedagógica mostrou-se fundamental nesse processo, propondo estratégias que estimulam a neuroplasticidade, fortalecem a autoestima e promovem ambientes acolhedores e motivadores. Conclui-se que a aprendizagem na terceira idade não é apenas possível, mas necessária, e que a psicopedagogia exerce papel essencial na construção de práticas educativas mais inclusivas, humanizadas e eficazes para esse público. Espera-se que este trabalho contribua para o aprofundamento da compreensão das especificidades do processo de aprendizagem na terceira idade, oferecendo subsídios para a atuação psicopedagógica com intervenções mais eficazes e adequadas às necessidades cognitivas, emocionais e sociais da população idosa.

Palavras-chave: aprendizagem; terceira idade; psicopedagogia; envelhecimento; inclusão.

Abstrat

This paper aims to analyze the main challenges faced by elderly individuals in the learning process, as well as to identify psychopedagogical strategies that promote inclusion and continuous development for this population. Given the increase in longevity and the need to promote active aging, learning in old age becomes an important tool for quality of life, autonomy, and well-being. The methodology adopted was qualitative bibliographic research, based on authors in psychopedagogy, gerontology, and inclusive education, in addition to official documents and data on aging in Brazil. Cognitive, emotional, and social aspects that influence the learning process in old age were analyzed, such as memory changes, ageism, social isolation, and physical limitations. The results indicated that, although there are significant obstacles, elderly individuals retain learning potential when exposed to appropriate methodologies that respect their pace and value their life experience. Psychopedagogical action proved to be fundamental in this process, proposing strategies that stimulate neuroplasticity, strengthen self-esteem, and promote welcoming and motivating environments. It is concluded that learning in old age is not only possible but necessary, and that psychopedagogy plays an essential role in building more inclusive, humanized, and effective educational practices for this audience. It is hoped that this work contributes to a deeper understanding of the specificities of the learning process in old age, offering support for psychopedagogical action with more effective interventions tailored to the cognitive, emotional, and social needs of the elderly population.

Keywords: learning; old age; psychopedagogy; aging; inclusion.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: fabriciatarazona@gmail.com

² Doutora em Educação, Coordenadora da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: gisele.c@uninter.com

³ Professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar los principales desafíos que enfrentan las personas mayores en el proceso de aprendizaje, así como identificar estrategias psicopedagógicas que favorezcan la inclusión y el desarrollo continuo de este público. Ante el aumento de la longevidad y la necesidad de promover el envejecimiento activo, el aprendizaje en la tercera edad se convierte en una herramienta importante para la calidad de vida, la autonomía y el bienestar de los ancianos. La metodología adoptada fue la investigación bibliográfica de carácter cualitativo, basada en autores de la psicopedagogía, la gerontología y la educación inclusiva, además de documentos y datos oficiales sobre el envejecimiento en Brasil. Se analizaron aspectos cognitivos, emocionales y sociales que influyen en el proceso de aprendizaje en la tercera edad, como los cambios en la memoria, el prejuicio etario, el aislamiento social y las limitaciones físicas. Los resultados indicaron que, aunque existen obstáculos significativos, los ancianos mantienen su potencial de aprendizaje cuando se les expone a metodologías adecuadas que respeten sus ritmos y valoren su experiencia de vida. La actuación psicopedagógica se mostró fundamental en este proceso, proponiendo estrategias que estimulan la neuroplasticidad, fortalecen la autoestima y promueven ambientes acogedores y motivadores. Se concluye que el aprendizaje en la tercera edad no solo es posible, sino necesario, y que la psicopedagogía desempeña un papel esencial en la construcción de prácticas educativas más inclusivas, humanizadas y eficaces para este público. Se espera que este trabajo contribuya a profundizar la comprensión de las especificidades del proceso de aprendizaje en la tercera edad, ofreciendo subsidios para la actuación psicopedagógica con intervenciones más eficaces y adecuadas a las necesidades cognitivas, emocionales y sociales de la población anciana.

Palabras clave: aprendizaje; tercera edad; psicopedagogía; envejecimiento; inclusión.

1 Introdução

O envelhecimento da população é um fenômeno crescente e global. No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), estima-se que até 2030 o número de pessoas idosas ultrapassará o de crianças entre 0 e 14 anos. Este cenário impõe novas demandas à sociedade, especialmente no que se refere à inclusão da pessoa idosa em espaços antes pouco acessíveis a essa faixa etária, como os ambientes educacionais.

A aprendizagem na terceira idade é marcada por desafios específicos, que envolvem não apenas as alterações cognitivas naturais do envelhecimento, mas também fatores emocionais, sociais e culturais. Segundo Neri (2014), o processo de envelhecimento pode afetar funções como memória, atenção e velocidade de processamento, o que exige abordagens educacionais mais adaptadas. No entanto, estudos recentes confirmam que o cérebro idoso possui plasticidade, ou seja, a capacidade de continuar aprendendo ao longo da vida (Batista e Enumo, 2000). A plasticidade cerebral é a capacidade do sistema nervoso de mudar, adaptar-se a nível estrutural e funcional ao longo do desenvolvimento neuronal e, quando sujeito a novas ideias, eleva o desempenho de diferentes domínios. Neste sentido, a plasticidade do cérebro no idoso é a chave para a aprendizagem permanente e manutenção das funções mentais. Esse possível mecanismo prediz que o substrato neural, indispensável aos processos cognitivos, pode ser aperfeiçoado, se traduzindo em desempenhos melhores, advindos da inserção do idoso em ambientes que aumentam a estimulação sensorial, motora e cognitiva.

A psicopedagogia, como campo de atuação que compreende o sujeito em sua totalidade,

cognitiva, emocional e social, tem um papel fundamental nesse processo. Para Bossa (2000), a psicopedagogia busca entender não apenas as dificuldades de aprendizagem, mas os sentidos que o aprender assume para cada sujeito. No caso da pessoa idosa, esse sentido pode estar profundamente ligado à reconstrução da identidade, ao enfrentamento de perdas e à busca por pertencimento em uma sociedade muitas vezes excludente.

Além disso, é necessário romper com a visão reducionista de que o envelhecimento é sinônimo de incapacidade. Freire (1996), ao defender a educação como prática da liberdade, destaca que o aprender é um ato permanente, e que toda pessoa, independentemente da idade, é capaz de construir saberes desde que respeitada sua realidade.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar os principais desafios enfrentados por pessoas idosas no processo de aprendizagem e refletir sobre como a atuação psicopedagógica pode contribuir para promover uma aprendizagem significativa, respeitosa e eficaz, valorizando o envelhecimento como uma etapa de contínuo desenvolvimento.

A escolha deste tema se justifica pela necessidade de compreender e propor soluções para tornar o ambiente educacional mais acolhedor e acessível à população idosa, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral, analisar os desafios psicopedagógicos enfrentados pela população idosa no processo de aprendizagem, buscando identificar estratégias que favoreçam a inclusão, a autonomia e o desenvolvimento cognitivo e emocional na terceira idade. Para tanto, são definidos como objetivos específicos: (1) investigar as alterações cognitivas e emocionais típicas do envelhecimento que impactam a aprendizagem; (2) identificar barreiras sociais, culturais e ambientais que dificultam o acesso e a permanência dos idosos em espaços educacionais; (3) analisar as contribuições da psicopedagogia para a elaboração de intervenções educacionais adaptadas às necessidades dos idosos.

Com base nessas diretrizes, espera-se que os achados contribuam para o entendimento aprofundado das demandas específicas da população idosa no contexto da aprendizagem, oferecendo subsídios à atuação psicopedagógica. A partir disso, busca-se favorecer a elaboração de intervenções mais personalizadas, que considerem as mudanças cognitivas, emocionais e sociais próprias do envelhecimento, promovendo um processo educativo mais inclusivo, respeitoso e eficaz.

2 Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, com

abordagem qualitativa, tendo como objetivo compreender os desafios enfrentados pela população idosa no processo de aprendizagem, sob uma perspectiva psicopedagógica.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos. Ela permite ao pesquisador obter uma base teórica consistente e desenvolver uma análise crítica sobre o tema investigado. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir a reflexão sistemática e fundamentada, tendo como fontes livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e documentos oficiais relacionados ao envelhecimento, à psicopedagogia e à educação na terceira idade. Já a pesquisa documental, conforme aponta Cellard (2008), consiste na análise de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados conforme os objetivos do estudo. Essa modalidade de pesquisa permite acessar registros institucionais, normas legais e políticas públicas que contribuem para a compreensão do contexto educacional da população idosa. A etapa documental envolveu a coleta e análise de documentos institucionais e oficiais, entre eles: políticas públicas, relatórios governamentais, legislações específicas e diretrizes educacionais voltadas à terceira idade. Essa seleção buscou compreender o panorama legal e institucional da inclusão da pessoa idosa nos espaços educativos.

Os documentos foram obtidos em fontes digitais oficiais, como o portal SciELO, os sites do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, bem como publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Também foram acessados repositórios de universidades e centros de pesquisa em gerontologia e psicopedagogia.

A seleção dos documentos considerou o recorte temporal dos últimos 15 anos (2008 a 2023), visando garantir a atualidade e a relevância das informações. Conforme Marconi e Lakatos (2017), a confiabilidade das fontes e a pertinência ao tema são critérios fundamentais para uma pesquisa documental de qualidade. Por isso, a escolha dos materiais levou em conta a autoria reconhecida, a consistência teórica e a relação direta com os aspectos sociais, educacionais e legais do envelhecimento. A análise seguiu os princípios da análise qualitativa de conteúdo, conforme Bardin (2011), que propõe a organização, categorização e interpretação dos dados documentais com base em temas recorrentes. A partir dessa análise, foi possível identificar políticas vigentes, programas institucionais em funcionamento, avanços e lacunas relacionados à promoção da aprendizagem na terceira idade.

Optou-se também por realizar uma pesquisa de campo com base em entrevistas semiestruturadas, utilizando perguntas abertas para promover um espaço de escuta ativa e espontânea, favorecendo a livre expressão dos entrevistados. A coleta de dados foi feita por

meio de encontros presenciais, com registro por anotações. Participaram da pesquisa idosos com idades entre 65 e 94 anos, frequentadores de uma instituição privada, voltados ao cuidado da pessoa idosa. Também foram entrevistados profissionais que atuam diretamente com esse público, psicóloga e assistente social.

A amostragem foi intencional, composta por 15 idosos, selecionados com base na orientação dos profissionais responsáveis. A maioria dos idosos entrevistados apresentava baixa escolaridade ou ausência total de escolarização formal, realidade está associada a fatores históricos e sociais como a pobreza, a exclusão educacional e a ausência de políticas públicas eficazes durante suas infâncias e juventudes.

As entrevistas semiestruturadas foram elaboradas com um roteiro flexível, dividido em quatro eixos principais: (1) dados pessoais/história familiar, (2) trajetória educacional, (3) desafios enfrentados para aprender e (4) estratégias ou motivações que impulsionam a busca por conhecimento. As questões abertas permitiram que os entrevistados compartilhassem histórias pessoais, sentimentos e reflexões, enriquecendo o material coletado.

A coleta foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2024, previamente autorizados e supervisionados pela instituição envolvida. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), envolvendo três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A categorização emergente das falas possibilitou identificar padrões, singularidades e recorrências relacionadas ao processo de aprendizagem na terceira idade, bem como os impactos de fatores socioeconômicos na trajetória educacional dos participantes.

Essa metodologia contribui para uma compreensão ampla dos fatores que interferem no acesso, permanência e aproveitamento da pessoa idosa em contextos educacionais, permitindo, à luz da psicopedagogia, propor caminhos que considerem as singularidades desse público.

3 Revisão Bibliográfica/Estado Da Arte

A presente revisão tem como objetivo apresentar o percurso teórico que fundamenta a investigação sobre os desafios da aprendizagem na terceira idade. A revisão bibliográfica foi realizada com base em autores consagrados das áreas de gerontologia, educação e psicopedagogia, articulando conceitos e evidências empíricas que sustentam a análise do fenômeno educacional entre pessoas idosas. A seguir, o conteúdo é apresentado de forma ordenada, em três seções principais: o envelhecimento humano, a educação na terceira idade e a contribuição da psicopedagogia no processo de aprendizagem de idosos.

3.1 Envelhecimento Humano e suas Implicações

O envelhecimento humano é um processo contínuo e multidimensional, que abrange mudanças biológicas, psicológicas, cognitivas e sociais. No Brasil, esse fenômeno tem se intensificado de forma acelerada. Dados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que a população com 60 anos ou mais alcançou 32,1 milhões de pessoas, representando 15,6% da população total, um crescimento de 56% em relação a 2010. Ainda segundo o IBGE (2023), a parcela da população com 65 anos ou mais passou de 7,4% para 10,9% no mesmo período, um aumento de 57,4%. Esses dados indicam um claro processo de transição demográfica, com impacto direto na estrutura etária do país. A projeção para 2070 aponta que cerca de 37,8% da população brasileira será composta por idosos, e a expectativa de vida ao nascer poderá atingir 83,9 anos. O índice de envelhecimento, que expressa a relação entre o número de idosos e o número de crianças e adolescentes (0–14 anos), passou de 44,8 em 2010 para 80,0 em 2022, demonstrando a inversão da pirâmide etária brasileira (IBGE, 2023).

O aumento da longevidade, embora positivo, impõe desafios aos sistemas de saúde, previdência e educação. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) destaca que o envelhecimento ativo deve ser uma prioridade global, promovendo oportunidades de participação contínua em contextos sociais, econômicos, culturais e educacionais. No entanto, é preciso considerar que o aumento dos anos de vida nem sempre corresponde a uma extensão proporcional dos anos com qualidade de vida e saúde plena.

Diversas condições crônicas acometem a população idosa brasileira. Segundo o Vigitel (2023), 57,1% dos idosos apresentavam diagnóstico de hipertensão, 25,1% tinham diabetes e 66,8% estavam com excesso de peso. Além disso, as perdas sensoriais são comuns: estima-se que um terço das pessoas entre 61 e 70 anos tenha perda auditiva significativa, número que ultrapassa 80% após os 85 anos de idade (OMS, 2021). A perda auditiva, inclusive, está associada ao declínio cognitivo precoce e à aceleração de sintomas de demência.

A capacidade funcional, especialmente a dimensão motora, é um dos importantes marcadores de qualidade de vida dos idosos e o seu comprometimento promove a limitação da mobilidade que, por sua vez, leva à fragilidade, risco elevado de quedas, dependência, institucionalização e morte, gerando cuidados de longa permanência e alto custo para os serviços de saúde.

O isolamento e a solidão na velhice são apontados como fatores de risco importantes, podendo aumentar em até 25% o risco de morte precoce, 50% o risco de demência e 30% o

risco de doenças cardiovasculares, conforme estudos compilados pela OMS (2021).

Tais implicações afetam diretamente os processos de aprendizagem na terceira idade. Do ponto de vista psicopedagógico, questões como memória, atenção, ritmo e motivação precisam ser cuidadosamente observadas, respeitando-se as limitações e potencialidades dos sujeitos idosos. Segundo Neri (2014), embora ocorram alterações naturais nas funções cognitivas com o avanço da idade, a plasticidade cerebral e a capacidade de aprender permanecem ativas, desde que sejam estimuladas por meio de estratégias adequadas. Pessoas com maior escolaridade, por exemplo, tendem a apresentar maior resiliência cognitiva, o que reforça a importância de políticas públicas que promovam a aprendizagem ao longo da vida.

Nesse sentido, torna-se imprescindível repensar o papel da educação na velhice. A inclusão da pessoa idosa em práticas educativas contribui não apenas para o fortalecimento de suas habilidades cognitivas, mas também para sua autoestima, senso de pertencimento e participação cidadã. A aprendizagem, neste contexto, deve ser compreendida como um processo contínuo e significativo, que respeita a trajetória de vida, os saberes prévios e os interesses individuais de cada sujeito (Freire, 1996; Bossa, 2007).

3.2 Educação na Terceira Idade: Perspectivas e Desafios

A educação na terceira idade tem se consolidado como estratégia fundamental para promover envelhecimento ativo, inclusão social e desenvolvimento cognitivo. De acordo com o Censo da Educação Superior (MEC, 2021), houve um aumento de 50% no número de matrículas de pessoas com 60 anos ou mais entre 2015 e 2019, enquanto o total de matrículas cresceu apenas 7% no mesmo período. Em 2021, aproximadamente 198 mil idosos estavam matriculados na educação superior, equivalente a cerca de 2,3% da população com mais de 60 anos (Costa Norte, 2022).

Nos programas da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI), estudos evidenciam impactos positivos, como o aumento da qualidade de vida entre os participantes. Uma pesquisa da UFSCar sobre o efeito do programa UATI demonstrou melhora significativa nos escores de qualidade de vida após um semestre de atividades, comparado a um grupo de controle, com valores estatísticos de $Z = -4,541$ e $p < 0,001$ (Inouye *et al.*, 2018). Além disso, a autoavaliação revelou melhora no bem-estar geral com $\chi^2 = 7,448$ e $p = 0,006$. Apesar dos benefícios, há desafios estruturais e metodológicos. Oliveira e Wanderbroocke (2021) apontam ausência de padronização entre as UNATIs brasileiras, com diferenças em recursos, programação e metodologia. Em 2015, 36 das 63 universidades federais, ofereciam programas de educação

para idosos (Silva; Silva e Rocha, 2019). A Associação Brasileira das Faculdades (ABRAFI 2022) também relata que, em 2021, o número de idosos no ensino superior cresceu 40% na modalidade EAD, facilitando o acesso e participação.

A exclusão digital é outro aspecto crítico. Embora o conhecimento sobre tecnologias digitais entre idosos tenha passado de 63% em 2006 para 81% em 2020, apenas 19% usam efetivamente a internet e 62% não utilizam redes sociais, o que evidencia barreiras de acesso e uso. Ainda assim, iniciativas de inclusão digital têm promovido o empoderamento, como mostra um estudo da Unicentro–PR: em oficinas de redes sociais, ocorreu aumento da autonomia e participação social entre idosos.

No campo psicopedagógico, a educação para idosos enfrenta os desafios do etarismo, barreiras metodológicas, financeiras e de acessibilidade. Freire (1996) enfatiza que a aprendizagem é um ato de libertação, e isso se aplica à terceira idade quando oferecida com respeito, diálogo e reconhecimento dos saberes prévios. Bossa (2007) complementa ao afirmar que reconhecer a história de vida do idoso é essencial para construir intervenções significativas.

Portanto, a educação na terceira idade requer um esforço coletivo de políticas públicas (Estatuto do Idoso), instituições e educadores precisam desenvolver metodologias inclusivas, materiais acessíveis e ambientes que valorizem a troca intergeracional. A aprendizagem contínua, especialmente quando mediada por programas como UNATIs, EaD e inclusão digital, representa uma ferramenta valiosa para fortalecer o bem-estar, a autonomia e a cidadania dos idosos, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

A inserção do idoso em espaços educativos representa um avanço significativo na luta por inclusão e cidadania. Conforme Freire (1996), todo ser humano é um ser inacabado, com permanente capacidade de aprender. Essa premissa também se aplica à pessoa idosa, que, quando encontra condições adequadas, pode experimentar a aprendizagem como um processo de reconstrução da identidade e de ampliação da autonomia. No entanto, o acesso à educação na terceira idade ainda é limitado por diversos fatores, como barreiras físicas, ausência de políticas públicas efetivas, exclusão digital e preconceito etário. Segundo Lima e Guimarães (2019), há uma lacuna entre o discurso inclusivo e a prática educacional efetiva para esse público, o que demanda estratégias pedagógicas específicas, mediadas por profissionais capacitados.

Programas como a Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) e outras iniciativas municipais têm demonstrado resultados positivos, mas ainda são insuficientes diante do crescimento da população idosa. As experiências educacionais precisam considerar a diversidade desse grupo, superando modelos tradicionais e valorizando o conhecimento prévio, a oralidade e a afetividade no processo pedagógico (Oliveira, reescrito).

3.3 A Contribuição da Psicopedagogia no Processo de Aprendizagem de Pessoas Idosas

A intervenção psicopedagógica apoia-se em tarefas que estimulam a percepção, memória, atenção, raciocínio lógico e coordenação motora, visando não apenas o aprendizado, mas a autonomia e o equilíbrio funcional.

Segundo a revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, a importância de realizar tarefas duais que combinem capacidade motora e cognitiva, pois “o trabalho de estimulação exercita habilidades de atenção, concentração, equilíbrio, memória, percepção espacial, visual, auditiva, olfativa, tátil, gustativa, coordenação ampla e fina, organização espaço-temporal, raciocínio, sequência lógica”, o que resulta em benefícios como melhora no desempenho psicomotor, autonomia e integração social” (Oliveira *et al.*, 2017, p. 24).

Na pandemia, a psicopedagogia mostrou-se instrumento eficaz na inclusão digital de idosos. Londero (2021) destaca que “essa prática com idosos contribuiu com a inclusão digital, através do uso de novas tecnologias, para a construção e reconhecimento da autoria desses sujeitos”. Isso evidencia a adaptabilidade do atendimento psicopedagógico face a barreiras físicas e sociais, reafirmando seu papel na promoção da cidadania.

Em termos de eficácia comprovada por dados, estudos em estimulação cognitiva com grupos terapêuticos indicam ganhos relevantes. Por exemplo, Ferrari e Alvarenga (1997) aplicaram dez sessões de treino cognitivo a 40 idosos, resultando em melhorias estatisticamente significativas na memória e atenção, evidenciando a eficácia do estímulo estruturado.

Além dos ganhos cognitivos, a psicopedagogia favorece aspectos psicossociais, como autoestima, qualidade de vida e integração social. Silva (2015), em estudo com idosos de 62 a 85 anos, constatou que cerca de 70 % apresentavam estresse, o que impacta negativamente seu bem-estar; a intervenção psicopedagógica foi apontada como ferramenta de apoio, oferecendo estratégias para manejo emocional e melhoria da qualidade de vida.

Esses resultados apontam que a psicopedagogia na terceira idade envolve atenção integral ao sujeito: avalia o contexto social, histórico de vida, condições cognitivas, afetivas e sensoriais, e define intervenções personalizadas. Diante disso, reforça-se que a inclusão de práticas psicopedagógicas voltadas para idosos deve ser priorizada em programas educativos, comunitários e clínicos, para fomentar aprendizagem contínua, autonomia e bem-estar.

Ferrari e Alvarenga (1997), em seu estudo intitulado “Estimulação cognitiva na terceira idade”, desenvolveram um protocolo de intervenção em grupo destinado a pessoas com 60 anos ou mais, sem comprometimentos neurológicos. O protocolo consistiu em dez encontros semanais, com duração de duas horas cada. A amostra foi dividida em dois grupos, diferenciados pelo nível

de escolaridade dos participantes. O método utilizado foi adaptado do protocolo de Wilson e Moffat, previamente aplicado em terapia da memória na Inglaterra (Ferrari; Alvarenga, 1997). As sessões foram organizadas de forma progressiva e estruturada e contempladas por etapas. A primeira etapa foi de abertura e ambientação que se tratava da recepção dos participantes, exposição dos objetivos da sessão e realização de atividades leves para aquecimento cognitivo e social. A segunda etapa foi de estímulo à atenção e concentração com exercícios como sequência numérica, busca visual e atividades de discriminação auditiva, com o objetivo de direcionar o foco e promover a participação ativa. Na terceira etapa, foram aplicadas atividades de memória imediata, trabalhos de repetição de palavras, recordação de listas curtas, uso de mnemônicos e associação de imagens para fortalecer a memória de curto prazo.

Na quarta etapa chamada de memória de trabalho e associação face-nome, foram aplicados exercícios envolvendo nomes e rostos de colegas ou figuras conhecidas, reforçando a conexão entre memória verbal e visual. Quase como uma continuação da etapa anterior, nesta quinta etapa aplicou-se a estimulação da memória episódica, uma reminiscência de fatos pessoais ou compartilhamento de memórias passadas, promovendo vínculo emocional e engajamento afetivo.

A sexta etapa, a memória semântica e conhecimento geral, trouxe perguntas relacionadas a temas do cotidiano, cultura geral e vocabulário, estimulando conexões cognitivas já consolidadas. Entrando num processo mais complexo, a sétima etapa chamada de velocidade de processamento, avalia como que uma pessoa pode realizar operações mentais simples e está diretamente ligada ao desempenho em tarefas cognitivas mais complexas. Na terceira idade, essa capacidade pode ser afetada pelo envelhecimento cerebral, mas pode ser estimulada e reabilitada por meio de atividades estruturadas. Na prática, são atividades de classificação rápida, identificação de padrões e jogos que exigem respostas imediatas.

A oitava etapa já avalia a coordenação motora fina e atenção visual, com atividades manuais, como montagem de quebra-cabeças, jogos de encaixe e desenhos, que integram percepção motora ao processamento cognitivo. A nona etapa são usadas estratégias mnemônicas externas e internas, que são técnicas para organização da memória diária, incluindo uso de agendas, regras rimadas, visualização mental e categorização de informações. E finalizando com a décima etapa do protocolo, está a recapitulação, avaliação e encerramento que é a revisão das estratégias aprendidas, feedback coletivo, discussão sobre a aplicação no cotidiano e reforço da motivação individual e grupal.

Os autores relataram melhorias significativas na atenção, memória e conhecimento metacognitivo, observadas na comparação dos resultados pré e pós-treinamento em ambos os grupos estudados (Ferrari; Alvarenga, 1997). Argumenta-se que a eficácia do protocolo se deve

ao uso constante da memória, definido como “uso e solicitação da memória”, à ampliação da atenção durante as atividades e à tomada de consciência relativa ao funcionamento da própria memória, ou seja, ao “conhecimento da memória” (Ferrari; Alvarenga, 1997).

Os resultados demonstram que grupos de estimulação cognitiva são tão eficazes quanto programas de estimulação física e social, ressaltando seu potencial terapêutico e preventivo nessa faixa etária.

O protocolo de Ferrari e Alvarenga (1997) evidencia que um ciclo de dez sessões estruturadas pode gerar avanços estatisticamente significativos em funções cognitivas-chave, atenção, memória de curto prazo, memória episódica e conhecimento metacognitivo, e contribui para a qualidade de vida dos participantes idosos. A abordagem sistemática e gradual garante envolvimento e resultados mensuráveis, demonstrando que a psicopedagogia pode produzir impacto real por meio de intervenções estruturadas.

4 Considerações Finais

Este trabalho, de natureza qualitativa e bibliográfica-documental, teve como objetivo principal compreender os desafios enfrentados pela população idosa no processo de aprendizagem, analisando os fatores biopsicossociais que interferem nesse percurso e destacando a contribuição da psicopedagogia na construção de estratégias inclusivas e eficazes para esse público.

Por meio da revisão de literatura, da análise de documentos oficiais e de estudos científicos, foi possível identificar que o envelhecimento populacional brasileiro é uma realidade crescente, exigindo da sociedade, e especialmente do campo educacional, respostas coerentes e sensíveis às necessidades dessa faixa etária. A aprendizagem na terceira idade é um processo possível, necessário e transformador, contribuindo para a autonomia, autoestima, socialização e qualidade de vida dos idosos.

A psicopedagogia, por sua vez, se destaca como campo de intervenção promissor, por integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais do processo de aprendizagem. Estudos como o de Ferrari e Alvarenga (1997) comprovam que a estimulação cognitiva estruturada pode promover avanços significativos nas funções mentais, mesmo em idades mais avançadas. A atuação psicopedagógica respeita o ritmo do idoso, valoriza sua trajetória de vida e promove um ambiente acolhedor e estimulante, favorecendo a construção de novos saberes e sentidos. Diante das evidências levantadas, algumas recomendações se fazem pertinentes: 1. que sejam criadas e fortalecidas políticas públicas voltadas à educação permanente da população idosa,

com garantia de acesso, recursos e profissionais capacitados; 2. que as instituições educacionais adotem práticas inclusivas, intergeracionais e metodologias adaptadas à realidade dos idosos; 3. que programas como as Universidades Abertas da Terceira Idade (UnATI) sejam ampliados e descentralizados, atendendo também idosos de regiões periféricas e zonas rurais; 4. que novos estudos aprofundem a relação entre aprendizagem e saúde mental na velhice, explorando os efeitos psicossociais da educação contínua; 5. que profissionais da psicopedagogia sejam inseridos em espaços não escolares, como centros comunitários, unidades de saúde e instituições de longa permanência, contribuindo para ações preventivas e educativas.

É necessário também sensibilizar a sociedade sobre o papel ativo e produtivo do idoso, desconstruindo preconceitos e promovendo o envelhecimento como uma etapa rica em experiências, aprendizagens e contribuições. O etarismo, ainda tão presente, precisa ser combatido com informação, empatia e políticas públicas efetivas.

Em suma, a aprendizagem na terceira idade deve ser encarada como um direito e uma possibilidade concreta de desenvolvimento humano. A atuação psicopedagógica nesse contexto torna-se essencial para oferecer suporte técnico, emocional e cognitivo ao idoso, resgatando sua autoestima, fortalecendo sua autonomia e estimulando seu protagonismo. Espera-se que este trabalho contribua para a ampliação do debate e incentive práticas mais justas, inclusivas e respeitosas com aqueles que ainda têm muito a ensinar e aprender.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS FACULDADES (ABRAFI). Relatório anual de atividades. São Paulo: ABRAFI, 2022. Disponível em: <https://www.abrafi.org.br>. Acesso em: 14 out. 2025.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011.

BATISTA, C. G.; ENUMO, S. R. F. **Desenvolvimento humano e impedimentos de origem orgânica**: o caso da deficiência visual. In: NOVO, H. A.; MENANDRO, M. C. S. (Org.). Olhares diversos: estudando o desenvolvimento humano. Vitória: UFES/PPGP/Capes/Proin, 2000. p. 157-174.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA NORTE. Ensino superior na terceira idade ajuda a economia e colabora para melhorar a vida dos idosos. **ABRAFI**, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.abrafi.org.br/index.php/site/noticiasnovo/ver/5540/educacao-superior>. Acesso em: 07 out. 2025.

FERRARI, M. A. C.; ALVARENGA, C. M. R. A. M. Estimulação cognitiva na terceira idade. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 8, n. 2-3, p. 62–66, 1997. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1997.224814>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/224814>. Acesso em: 07 out. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INOUE, K. *et al.* Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educação & Pesquisa**, [s. l.], v. 43, p. e143488, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201708142931>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/143488>. Acesso em: 07 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Indicadores e estatísticas socioeconômicas. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 out. 2025.

LIMA, A. M.; GUIMARÃES, R. C. Educação e envelhecimento: desafios e possibilidades. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/archive>. Acesso em: 14 out. 2025.

LONDERO, S. Experiência de atendimento psicopedagógico a idosos, com tecnologia, na pandemia. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 38, n. 117 Supl. 1, p. 84-89, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v38n117s1/10.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEC. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. Brasília: Semesp, 2021.

NERI, A. L. **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2014.

OLIVEIRA, D. B.; WANDERBROCKE, A. C. N. S. Caracterização das universidades abertas da Terceira Idade. **Revista Kairós-Gerontologia**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 715-737, 2021. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24i1p715-737>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/46407>. Acesso em: 07 out. 2025.

OLIVEIRA, M. K. **Educação e envelhecimento**: saberes em movimento. São Paulo: Paulinas, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial de saúde. Genebra:

OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, A. T. D.; SILVA, F. M.; ROCHA, R. A. Onde estão a UNTI das universidades públicas federais do Brasil. 17 f. 2017. **Dissertação** (Mestrado) — Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina (mar del Plata), 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181218/101_00171.pdf?sequ. Acesso em: 12 ago. 2019.

VIGITEL BRASIL. Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 14 out. 2025.

Data de submissão: 21/07/2025

Data de aceite: 11/08/2025